

Industrial é contra âncora cambial

Presidente do Iedi defende a obediência a princípios simples da economia

O empresário Paulo Cunha, presidente do Grupo Ultra, considera a política industrial existente hoje no Brasil "burra, irresponsável e suicida." Presidente do conselho do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (Iedi), ele defende a obediência a princípios simples da economia, para o crescimento da indústria brasileira e seu aperfeiçoamento por meio de mecanismos como incentivo à ciência e tecnologia e à competição. "Mas uma competição que não seja desleal e devastadora." Em entrevista a *Wanise Ferreira*, Cunha afirma que a eventual adoção de uma âncora cambial "vai liquidar parte substantiva da indústria".

Estado — O senhor acha que há alguma possibilidade de crescimento e fortalecimento da indústria?

Paulo Cunha — Infelizmente eu não vejo isso como uma possibilidade. Na verdade não há ambiente adequado para o crescimento industrial, quando nós temos uma inflação da magnitude a que temos assistido no Brasil, quando vemos perpetuar taxas de juros estratosféricas. Quando vemos também um descrédito sistemático dos promotores da indústria como assistimos no Brasil. De modo que há uma série de condições no País que são adversas. Acho isso muito lamentável, muito triste.

Estado — De que maneira pode se reverter esse quadro?

Cunha — Isso só pode ser revertido à medida que o Brasil tomar consciência da importância da indústria. Não se pode imaginar um futuro adequado sem emprego para milhões de brasileiros, renda crescente e produção de bens e serviços para atender à demanda. Para tudo isso é preciso uma indústria grande. Em segundo lugar acho importante no momento atual separar o interesse da indústria e o do empresário. A personificação do debate aqui no Brasil, uma coisa única no mundo, é prejudicial.

Estado — Essa personificação não é resultado do distanciamento e falta de articulação dos empresários?

Cunha — O que acontece no Brasil é culpa de todos nós, brasileiros. Na verdade o comportamento das empresas multinacionais no Brasil é muito semelhante ao das empresas de capital nacional. Ele depende do ambiente social, político, econômico em que operam essas empresas. Acho que temos de discutir mais as empresas e menos os empresários e aí sim o debate vai ficar mais claro. Passamos de uma situação em que o consumidor era relegado a segundo plano para uma outra, com a tentativa de fazer no Brasil o paraíso do consumidor e o inferno do produtor. Falta equilíbrio.

Estado — E também falta uma política industrial?

Cunha — Uma política industrial boa, porque política industrial nós temos. Se a política do governo sanciona por exemplo juros estratosféricos ela impulsiona a indústria em direção à extinção.



Cunha: País tem condição de competição externa desfavorável

Isto é uma política industrial, só que maluca, irresponsável, burra e suicida. O que é preciso é mudá-la para propiciar um crescimento da indústria.

Estado — O Iedi tem uma proposta nesse sentido? Quais são os princípios básicos?

Cunha — São simples. Em primeiro lugar a indústria precisa crescer porque um dos problemas no Brasil é que ela é pequena. Ela não oferece emprego para todos os brasileiros, não fornece bens e serviços suficientes para toda a população. O segundo princípio é o de que essa indústria precisa ser aperfeiçoada, no futuro tem de ser melhor do que é hoje e foi no passado, tem de ser mais produtiva, eficiente, para gerar produtos melhores, mais baratos e pagar melhores salários reais. Os mecanismos para se aperfeiçoar a indústria são os clássicos, investir mais em ciência e tecnologia, induzir a competição que é o mecanismo adequado de aperfeiçoamento da indústria. Mas competição saudável e não devastadora, desleal.

Estado — Essa competição desleal é a que temos hoje?

Cunha — Sim, em grande parte. Nós somos um país que tem uma condição de competição externa desfavorável. A começar pela nossa inflação, pela carga fiscal que é anticompetitiva para os que pagam impostos. Enfim, nós não esta-

mos inventando nada em termos de propostas, estamos apenas dizendo "vamos examinar o que fazem os países vencedores e vamos fazer o que eles fazem." Cada um deles, à sua maneira e respeitando seu momento histórico de desenvolvimento, suas peculiaridades sociais, geopolíticas, estabeleceu políticas inteligentes de fomento ao desenvolvimento.

Estado — Muitos empresários defenderam o conceito de "modernidade" do discurso do ex-presidente Fernando Collor, que se restringiu à importação. Como o senhor vê isso agora?

Cunha — Acredito que em breve o bom senso deva prevalecer, mesmo porque não somos um país rico que pode ter desperdício de emprego, de oportunidades. Eu acredito que o mecanismo de proteção à indústria não está no exagero, no retorno de altas alíquotas de importação,

que nem são admitidas no mercado internacional. Se tivermos uma economia estável, juros civilizados e competitivos, condições tributárias equivalentes às do Exterior já teremos meios de fazer frente à grande competição dos produtos industriais. A partir daí precisamos, a exemplo dos países desenvolvidos, estabelecer, operacionalizar e implantar mecanismos ágeis de barreiras não-tarifárias, sobretudo antidumping e anti-subsídios. Por último é preciso uma atenção toda especial para o câmbio correto. O câmbio inadequado é um mecanismo

fulminante, um veneno mortal para liquidar qualquer indústria em qualquer país do mundo.

Estado — O senhor teme a adoção de uma âncora cambial?

Cunha — Há uma preocupação muito forte por parte da indústria de que um aqodamento qualquer, uma precipitação, leve à utilização de mecanismos cambiais para ancorar essa inflação enquanto todos os elementos alimentadores da inflação, o desgoverno de uma maneira geral, continuem de vento em popa. Jogar essa âncora do câmbio vai liquidar uma parte substantiva da indústria, o estrago vai ser terrível e estamos aí falando de empregos. A questão do emprego precisa entrar na cabeça do brasileiro, juntamente com a questão da fome que o Betinho (sociólogo Herbert de Souza) já colocou no ar. Um país que assiste na televisão a um arrastão no Rio de Janeiro vê que pela primeira vez na história do Brasil nós temos uma geração onde o futuro se apresenta pior do que o passado.

Estado — Qual sua avaliação sobre o processo de privatização?

Cunha — Eu não quero fazer uma avaliação, nem um julgamento do aspecto qualitativo. Só quero dizer que do ponto de vista de operação de uma economia moderna essa é uma questão que está posta em todo o mundo. Em função de uma série de avanços as entidades estatais têm dificuldade maior em se adaptar. Portanto a privatização é mandatória aqui no Brasil, além do que a pior coisa que existe para qualquer empresa é ter seu acionista controlador quebrado. Se ele está quebrado não vai fazer nada inteligente na sua empresa operativa. No Brasil há muito tempo o Estado está quebrado e, como se tem observado, não tem feito nada de inteligente em relação às empresas que participa.

Estado — E no setor petroquímico, no qual a parceria é com o Estado?

Cunha — Temos de olhar concretamente o que nós temos. O Estado que já alavancou a indústria brasileira — grande parte dela foi bebê de proveta do Estado do ponto de vista de concepção — hoje não tem mais nada a ajudar. No caso particular da petroquímica há uma questão de outra dimensão: o Brasil tem constitucionalmente estabelecido o monopólio do petróleo. Além disso nós temos a Petrobrás, que abastece 100% dos derivados de petróleo. Independentemente da revisão constitucional, a Petrobrás vai permanecer conosco como uma grande realidade de fornecimento. Me parece razoável que a Petrobrás mantivesse participação minoritária, de cerca de 30%, nas centrais petroquímicas para que se pudesse operar com o mínimo de racionalidade essa interface entre o refino e a petroquímica.

Estado — A situação se complica com problemas de má gestão na Petrobrás?

Cunha — Efetivamente, sem nenhum julgamento a respeito das pessoas, se nós observarmos os últimos cinco anos a Petrobrás deve ter passado por 20 diretorias diferentes indicadas por critérios políticos e não técnicos ou administrativos. Não vejo como uma empresa possa ter sucesso gerencial com esses critérios.

PARA TER UM
FUTURO
ADEQUADO O
BRASIL PRECISA
DE UMA
INDÚSTRIA
GRANDE